

# **As fronteiras da alteridade: “O outro – indígena” como provocador do discurso em Colombo e Pero Vaz de Caminha\***

## ***The borders of alterity: the indigenous alterity as a challenger of speech in Columbus and Pero Vaz de Caminha***

Antônio H. Aguilera Urquiza\*\*

Maria de Fátima Rocha Medina\*\*\*

\* O presente texto tem por base artigo publicado em ESPINA BARRIO, A. *Cronistas de Iberoamérica*, Salamanca: Ed. USAL, 2001.

\*\* Doutorado em Antropologia pela Universidade de Salamanca / Espanha (2006). Professor da UFMS e na pós-graduação em Antropologia da UFGD.

\*\*\* Doutorado em Filologia Hispânica pela Universidade de León / Espanha (2004). Professora do Centro Universitário Luterano de Palmas, TO, Brasil.

### **Resumo**

A partir dos textos de dois cronistas do século XV e XVI, Pero Vaz de Caminha e Cristóvão Colombo, levantamos elementos acerca das fronteiras epistemológicas da (re) elaboração do outro nestas narrativas, inicialmente históricas, porém, certamente presentes no cotidiano social contemporâneo, marcado por interações multiculturais. Tzvetan Todorov (1999) e M. Bakhtin (1999), teóricos da linguagem, E. Bueno (1998) historiador e Carlos Skliar (2003), educador, são as bases teóricas principais deste ensaio que pretende, através da literatura, repensar o papel central do “outro” nas relações e construções identitárias, em contextos marcados por realidades de fronteiras, negociações culturais, hibridações e espaços contraditórios.

### **Palavras-chave**

Relações identitárias. Alteridade. Fronteiras.

### **Abstract**

This essay analysis texts of Pero Vaz de Caminha and Cristóvão Colombo, which were two chroniclers from the fifteenth and sixteenth century. We raised elements about epistemological boundaries in (re) signifying of the others, found in these narratives, that were initially historical, but are certainly current in social nowadays, at the same time are being transformed by multicultural interactions. Tzvetan Todorov (1999) and M. Bakhtin (1999), language theorists, E. Bueno (1998), historian, and Carlos Skliar (2003), educator, are the theoretical bases of this essay. We purpose thinking from literature to rethink the “other” in identity relations and constructions in contexts that are marked by borders, cultural negotiations, hybridizations and contradictory spaces.

## Key-words

Identity relationships. Otherness. Borders.

## Primeiras aproximações

A partir dos debates do IV Seminário Internacional Fronteiras Étnico-Culturais, Fronteiras da Exclusão (UCDB, 2010) e no contexto das pesquisas acerca das relações interétnicas, em particular da criança indígena nas aldeias Guarani e Kaiowá do sul do Estado de Mato Grosso do Sul, e o processo de diálogo intercultural proposto para a educação indígena, entendida como espaço de fronteira e trânsito (cf. TASSINARI, 2001), nos propusemos a elaboração deste artigo, tendo como referência elementos da literatura clássica: os cronistas da Península Ibérica do final do século XV.

Voltamos ao contexto das grandes navegações (século XV), momento em que ocorre o radical encontro entre o “eu” europeu e o “outro” nativo americano, crônicas repletas de elementos que podem nos ajudar a entender as relações de alteridade, o processo de constituição do “outro” e da própria identidade do “eu”. Vivemos, na atualidade, em um contexto, onde cada dia torna-se mais difícil o diálogo do “eu” com o “outro”, o diferente. E, neste caso, não falamos apenas dos povos indígenas, mas, com segmentos minoritários da sociedade nacional, os diferentes a partir do recorte étnico, cultural, de gênero, deficiência, entre outros.

Como bem afirma, neste sentido, Duschatzky e Skliar (2001, p. 125), “o outro funciona como o depositário de todos os

males, como o portador das *falhas* sociais. Este tipo de pensamento supõe que a pobreza é do pobre; a violência, do violento; o problema de aprendizagem, do aluno; a deficiência, do deficiente; e a exclusão, do excluído”.

Esta radicalidade do encontro entre o “eu europeu” e o “outro – nativo”, com toda sua carga de preconceitos, materializa-se no contato dos navegantes ibéricos com os nativos americanos, no final do século XV. No contexto do Renascimento, depois de longo período de silêncio, quando a palavra, especialmente a palavra escrita, pertencia a poucos, os europeus rechaçam a obscuridade medieval e teocêntrica, recuperando os clássicos e o espírito humanista. Além disso, saem em busca de novos horizontes, sobretudo de horizontes geográficos.

Os séculos XV e XVI, especialmente, foram marcados por algumas novidades importantes como a invenção da bússola, preciosa para as viagens marítimas, e pela invenção da imprensa, que proporcionaria não só a divulgação de importantes obras clássicas, mas também, o registro dos fatos que estavam ocorrendo e aqueles que estavam por vir.

Estando em uma privilegiada situação geográfica, a península Ibérica desempenhará um importante papel nesse cenário e momento histórico, tirando de tudo o máximo proveito. Na Península Ibérica, mito e história se misturam de forma

quase indissolúvel: a ancestral tradição céltico-druídica, o paganismo germânico, o misticismo islâmico, as lendas da cavalaria de Carlos Magno, as antigas profecias bíblicas, as fábulas milenárias, os templários e suas buscas pelo Santo Graal, o espírito das Cruzadas, etc. De acordo com Eduardo Bueno (1998), todos estes ingredientes se misturam para fundir a nacionalidade e identidade ibérica, modelando seu projeto de conquistar o mundo através da navegação pelos mares. Inicialmente com o propósito comercial de chegar até as Índias por via marítima e depois, com o 'descobrimento' de novas terras, o mandato primordial de levar a fé cristã aos "povos primitivos". Assim que, durante pelo menos cem anos, a política portuguesa, inicialmente, e depois a espanhola durante um tempo mais prolongado, serão a ponta de lança de toda a expansão europeia.

### **Objetivos comuns**

Quase todos os cronistas deste período inicial (séculos XV e XVI) compartilham os objetivos comuns de transmitir ao centro (reinos europeus) as impressões do "outro" (do desconhecido), percebidas na "periferia" do mundo que começa a ser conhecida nestes tempos; outro objetivo explícito, na prática, é a missão de "transmitir à periferia o modelo de vida" da civilização cristã, branca e machista da Europa Ocidental. Dentre os muitos cronistas que, neste período, navegavam pelos mares, destacamos dois que aqui nos interessam, principalmente pelos primeiros registros escritos que fizeram sobre as terras onde

foram: Colombo e Pero Vaz de Caminha, um como comandante de uma frota e outro como escrivão.

Cristóvão Colombo, navegante genovês (ou nascido em Savona em 1451 - Valladolid, 1506), entrou para o serviço da rainha de Castilha em 1492 e obteve dela três caravelas, saindo de Palos em 3 de agosto de 1492 e chegando finalmente no dia 12 de outubro daquele mesmo ano ao continente americano. Regressou a Espanha em 1493; impenderia outras quanto viagens, voltando definitivamente em 1504, depois de explorar quase toda a América Central.

Pero Vaz de Caminha, por sua parte, nasceu na cidade do Porto, por volta de 1450 e se tornou conhecido em seu país pela carta que escreveu ao rei Dom Manoel I de Portugal, relatando o descobrimento do Brasil em 1500. Morreu em seguida, na mortandade que sofreram os portugueses no porto de Calicute na Índia, em dezembro de 1500. De estilo elegante e refinado, demonstra ser um homem muito culto e de educação humanística, relatando com erudição os nove dias de sua permanência na expedição no Brasil.

Mais que uma reflexão histórica, a opção deste trabalho, como explicitado anteriormente, é a tentativa de uma leitura a partir do ponto de vista da antropologia e da linguística. Por isso uma das chaves teóricas é Bakhtin (1999) quando fala sobre o signo e seu potencial ideológico, e propõe uma concepção de ser humano, fundamentada nas relações sociais e simbólicas; a chave oferecida por Todorov (1999) em seu texto sobre *A conquista da*

*América e a questão do outro*, ou seja, o “outro” como o que provoca a produção de cultura de Geertz, o qual a concebe como uma “teia de aranha que é construída ou tecida pelas pessoas, ao mesmo tempo em que sofrem suas conseqüências” (GEERTZ, 1990, p. 04).

## **A produção textual de Pero Vaz de Caminha**

Com relação aos procedimentos de produção textual, Caminha apresenta posturas distintas quando ele produz os textos e se faz narrador. Neste caso, poderíamos tomar a condição do narrador em duas visões consideradas como do *ver* e do *parecer*. A primeira, relacionada com o relato, parte das vivências, e a segunda, que insinua a ideologia do branco europeu, se fundamenta nas impressões da vivência.

No início de sua carta, Caminha, sabendo-se um narrador dentre muitos outros do grupo, sabe também que uma mesma realidade pode ser vista e interpretada sob diferentes ópticas:

A pesar de que o comandante em chefe de vossa frota assim como os demais capitães escrevem a Sua Alteza para anunciar-lhe o descobrimento desta nova terra que, por Vos, nesta travessia, acabamos de descobrir, não deixarei de minha parte de dar-lhe conta dele o melhor que possa (Carta de Pero Vaz de Caminha, p. 2).

A postura de autor expressada anuncia as possibilidades do narrador e seu desejo enquanto ao relato: “Que Vossa Alteza, no entanto, estime considerar minha boa

vontade mais que minha ignorância”. Na introdução, define o objetivo de seu relato, que se limitará à chegada à nova terra: “Sobre a navegação e as singraduras não lhe direi nada a Sua Alteza, uma vez que para seu conhecimento começo agora”. Fala também de sua intenção de escreva, onde insinua a estrutura do texto, como relato e como conjunto de impressões. Os dois planos são do *ver* (os fatos) e do *parecer* (as impressões sobre os fatos).

No primeiro caso, os movimentos dos marinheiros, as ordens de comando, os intentos de comunicação com os indígenas, são afirmativos da perspectiva do *ver*, em que os relatos são afirmativos e minuciosamente descritivos. No segundo caso, as descrições parecem ser de um estrangeiro extasiado com uma nova realidade em relação a seus costumes. Essas impressões insinuem o imaginário do produtor do texto. Em uma parte, por exemplo, Caminha escreve que os indígenas “são muito polidos e muito limpos, pelo qual me parecem mais reluzentes que os pássaros ou os animais [...] o qual faz supor que não têm nem casa nem cobertura onde resguardar-se”. Quando Caminha fala de suas impressões, o faz na primeira pessoa do singular, porém, quando relata fatos vividos conjuntamente, o faz no plural: “De fato, até agora não vimos nenhuma casa nem nada que se pareça com uma”.

Segundo o relato de Pero Vaz de Caminha, a comunicação entre portugueses e indígenas se dá por gestos e atitudes e não por palavras, como também está descrito nos comentários de Cristóvão Colombo. É concretizada de acordo com as

conveniências dos brancos, entre os quais Caminha se inclui:

Um deles viu as contas brancas de um rosário, pediu por gestos que lhe dessemos, se divertiu muitíssimo, o colocou no pescoço e logo o tirou e o enrolou no braço: e assinalava a terra e logo as pérolas e o colar do comandante, como que dizendo que os trocava por ouro. Isto nós compreendemos perfeitamente já que era nosso desejo. Porém, se nos dissesse que ele teria gostado de levar o rosário e também o colar, teríamos feito como se não tivéssemos entendido, já que não pensávamos em presentear (Carta de Pero Vaz de Caminha, p. 4).

### **A conquista ideológica pela palavra**

Olhando a “conquista” com os olhos de Bakhtin, poderíamos dizer que o discurso dos cronistas se impôs a partir das leituras que eles faziam sobre as “novas terras” inclusive antes de viajar: praticamente já sabiam o que iam escrever aos reis, seus destinatários privilegiados, porque eram os patrocinadores das viagens. Estando diante de outros povos, com discursos diferentes, em nenhum momento tentaram estabelecer interações verbais ou qualquer outro tipo de compreensão do “outro”, não-europeu, como possível interlocutor.

Segundo Bakhtin (1999), o discurso individual se constrói a partir do discurso do “outro”, entre pessoas que sejam simultaneamente locutoras e interlocutoras, em um tempo e espaço concretos, proporcionando combinação de gêneros e vozes,

em uma relação horizontal na qual todas elas têm igual valor.

Todorov (1999), dialogando com Bakhtin, afirma que a semiótica não pode ser pensada fora da relação horizontal com o “outro”; ou seja, a linguagem só existe porque existe um *eu* que se põe em relação com um *tu* pelo qual se sente provocado. Ao mesmo tempo, entretanto, que é um “tu” que provoca, também em um “eu” que se sente provocado pelo “outro”. Nesse clima de consentimento, resultado de tensões e provocações dialógicas e dialéticas de indivíduos socialmente organizados onde surgem os signos.

No entanto, a atenção dos cronistas se baseará unicamente em si mesmos (locutores) através da escritura de textos que expressavam exatamente seu ponto de vista ou, todavia, o ponto de vista dos interlocutores distantes: os reis e demais europeus interessados nas notícias da América somente como fonte de riquezas. “Dizia aos homens que o acompanhavam que, para fazer para os Reis uma relação de tudo quanto viam, mil línguas não bastaram para expressá-lo nem sua opinião escrevê-lo”. Em uma relação vertical, muitas vozes foram silenciadas em detrimento do privilégio de uma, já que os colonizadores se sentiam superiores aos povos encontrados. Gestos, atitudes, símbolos, objetos, e tantos outros signos ideológicos para aquelas comunidades americanas.

Muitos deles ou quase a maior parte dos que andavam ali traziam aqueles bicos de osso nos beijos. E alguns, que andavam sem eles tinham os beijos furados e nos buracos uns

espelhos de pau, que pareciam espelhos de borracha (Carta de Pero Vaz de Caminhada, p. 4).

Nesse contexto, Cristóvão Colombo faz a mesma coisa: “Todos pareciam-se com aqueles de que já falei, mesma condição, também nus, e da mesma estatura” (17.10.1492, *apud* TODOROV, 1999, p. 58).

Entre a diversidade de signos mediadores da interação humana, Bakhtin (1999, p. 73) elege a palavra como a mais importante:

Este aspecto semiótico e esse papel contínuo da comunicação social como fator condicionante não aparecem em nenhum lugar de maneira mais clara e completa que na linguagem. A palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja unida a essa função, nada que não haja sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social.

De acordo com Geertz (1990) na visão cotidiana os fatos se interpretam como se fossem tecendo fios de culturas, consequências do choque entre estes mundos distintos. Ainda mais nesse contato com o “outro”, trouxeram como consequência suas impressões que chegaram até os dias de hoje pela palavra escrita, ainda que de maneira unidirecional, já que não houve interação com o discurso alheio. Os textos dos cronistas estão assinalados pelo silêncio das vozes nativas, como se estes povos não falassem também, como se não tivessem um código lingüístico.

## O discurso do “outro”

Quando Todorov (1999) questiona as atitudes de Cristóvão Colombo (por suposto que também serve para Pero Vaz de Caminha, ainda que não seja mencionado), sua voz está de alguma maneira entrelaçada com a de Bakhtin. Colombo foi um homem que construiu suas relações sociais em uma formação religiosa medieval que era, todavia, muito forte. No entanto, já despontavam questões renascentistas com todas suas consequências, como, por exemplo, a potencialidade humana como fruto de sua racionalidade. Isto significa que os signos semióticos e ideológicos entre os conquistadores (Colombo e Caminha) e os nativos eram distintos e, por conseguinte, carregados de diferentes valores. “Todo signo resulta de um consentimento entre indivíduos socialmente organizados no transcorrer de um processo de interação” (TODOROV, 1999, p. 45). Ademais, as consciências individuais eram portadoras de discursos e valores totalmente diferentes entre si. Isto justifica, por exemplo, o assombro de Colombo e Caminha diante dos nativos que trocavam seus objetos, inclusive ouro, por coisas sem nenhum valor (inclusive por copos de vidros quebrados). “Tudo o que possuem, dão em troca de qualquer coisa que lhes ofereça, e aceitam em troca, assim mesmo, pedaços de vasos e copos de vidro quebrados” (Carta de Santangel, 1493 *apud* TODOROV, 1999, p. 45).

Colombo e Caminha se “esquecem” de que os nativos estão situados em um espaço diferente da Europa com toda sua

história, e que os objetos possuem valor de acordo com o significado produzido em determinado contexto, a partir de relações sociais específicas. Às vezes, um objeto não passa de sua forma natural, no entanto, em outros casos o mesmo pode adquirir forma ideológica. Por exemplo, o ouro, para o contexto europeu, era semiótica-mente ideológico porque se transforma em instrumento de poder e riqueza. Na busca deste metal, os viajantes enfrentaram os perigos do mar desconhecido, deixando famílias e outros bens. Ao contrário, para os nativos da América, o ouro era mais um de seus adornos, que traziam no corpo e certamente poderiam ser trocado por uma pena colorida. Colombo e Caminha foram incapazes de perceber o Outro em toda a sua diferença. Skliar (2003) nos lembra da colonialidade presente em toda cultura.

E o é, em termos de uma imposição aos outros de uma espécie de lei do mesmo: a mesmidade, que persegue por onde quer que seja a alteridade, como se fosse sua sombra; uma sombra da própria língua, uma sombra lingüística (SKLIAR, 2003, p. 104).

Com relação à concepção dinâmica da linguagem, nada tem o discurso acabado, pois todos estão em processo dinâmico de intercâmbio e de construção permanente. O discurso alheio deve encontrar espaço naquele do autor para fortalecê-lo, ou mudá-lo se assim for necessário. Conforme os textos, tanto Cristóvão Colombo como Pero Vaz de Caminha preferiram a descrição de objetos e coisas

da natureza, rechaçando aquilo que o “outro – indígena” tinha para dizer. Colombo afirma que

[...] aqui, os peixes são diferentes dos nossos, que é uma maravilha. Há alguns que são, como os galos, enfeitados das mais lindas cores do mundo: azuis, amarelos, vermelhos e todas as cores. (*apud* TODOROV, 1999, p. 28).

Segundo a carta de Santangel (*apud* TODOROV, 1999, p. 32), Colombo nomeia tudo o que vê a partir de seu contexto, como se nada tivesse nome antes. Na Bíblia, nomear é dar existência a algo. Assim que, ao sentir-se provocado, trata de pôr nomes de sua língua, de sua cultura, tentando fazer nascer o que ali já existia há muito tempo: os conquistadores ignoraram os nomes já existentes e nomearam tudo novamente, para possuir aquilo que já pertencia a outros.

A língua sempre acompanha o império; os espanhóis temiam que, perdendo sua supremacia em uma, pudessem perder também no outro. Não estaria aí a insegurança de Colombo? Seria possível que o silêncio de todos os pontos geográficos da América, cheios de milhares e milhões de vozes de tão variados povos, incomodou a Colombo? Para Bakhtin, a palavra é o fenômeno ideológico por excelência. Ao impor sua palavra, sua linguagem com toda a carga ideológica, Colombo não leva em conta o processo criador e construtor pelo qual passaram as terras e os povos americanos. Impondo sua palavra, Colombo desencadeia

simultaneamente um processo de dominação de tudo o que a palavra (semioticamente ideológicas) representa. (TODOROV, 1999, p. 269).

Certamente por isto, o Almirante e o escrivão olham aos nativos, também, como “meras peças” descritivas, incluindo a todos, mesmo sendo de várias nações, lhes impuseram um único nome – índios – o qual foi transposto erroneamente de outro contexto. Além disso, tratam aos nativos como macho/fêmea: “Quando nossas caravelas tiveram que partir para a Espanha, reunimos em nosso acampamento mil e seiscentas pessoas, machos e fêmeas desses índios, dos quais embarcamos em nossas caravelas” (MICHELE DE CUENO *apud* TODOROV, 1999, p. 56) e, ainda mais, como objetos ou animais: “Enviei alguns homens a uma casa na margem oeste do rio. Eles me trouxeram sete cabeças de mulheres, jovens e adultas, e três crianças” (Idem, p. 57).

### **Considerações finais**

Nossas realidades são fundamentalmente construções discursivas em busca daquilo que dá sentido diversificado à existência. Pensar e trabalhar “interfaces” e interpretações possíveis dos diversificados mundos de sentido que os humanos têm criado em sua larga trajetória de contatos e relações interétnicas, foi nosso objetivo. Nenhuma teoria do sujeito, individual ou coletivo, tem sentido, se não opera basicamente com os campos do signo e do sentido mesmo. As palavras nos seduzem justamente porque nós humanos somos seres simbolizados e simbolizadores. Exis-

timos não só porque nos alimentamos, e sim porque estamos imersos em mundos de sentido, nadamos em piscinas de significações.

Na situação dos cronistas, especialmente Cristóvão Colombo e Pero Vaz de Caminha é impossível que eles escrevessem sem deixar refletir no texto seu entorno cultural e ideológico, assim como seria ainda mais difícil que eles escrevessem sem a provocação causada pelas impressões das pessoas do “novo mundo” e seus costumes culturais. Usualmente os cronistas o fazem, em forma de comparação, seja, o “outro” a partir de nós mesmos. Porém, trata-se de uma via de mão dupla, porque a diferença do “outro”, às vezes com um silencioso grito questiona nossos costumes ocidentais e “civilizados”. Ao mesmo tempo, vale a pena lembrar que existimos a partir deste mesmo “outro”. Duschatzky e Skliar (2001, p. 124) afirmam que a mesmidade necessita do outro:

Necessitamos do outro, mesmo que assumindo certo risco, pois de outra forma não teríamos como justificar o que somos, nossas leis, as instituições, as regras, a ética, a moral e a estética de nossos discursos e nossas práticas. Necessitamos do outro para, em síntese, poder nomear a barbárie, a heresia, a mendicância etc. e para não sermos, nós mesmos, bárbaros, hereges e mendigos.

Assim também ontem, como hoje, partimos de nosso próprio ponto de vista para nos constituir em nossos discursos, em nossa existência, sempre procurando depositar no diferente aquilo que tememos



estar em nós mesmos. No discurso colonizador de Caminha e Colombo, como nos discursos colonizadores da atualidade, o diferente é, no máximo, alguém a quem se deve “tolerar”, enquanto buscamos transformar o “outro” em “nós”.

## Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BUENO, Eduardo. *A viagem do descobrimento*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998. (Col. Terra Brasilis, v. 1).
- CHANDEIGNE, Michael. *Lisboa extramuros 1414-1580*. Madrid: Alaliza Editorial, 1990.
- DUSCHATZKY, Silvia; SKLIAR, Carlos. O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- FIORIN, José Luiz. *As astúcias da anúncio: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1999.
- GEERTZ, Clifford. *Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- PABLOS, Juan de. Para un estudio de las aportaciones de Mijail Bajlín a la teoría sociocultural. Una aproximación educativa. *Revista de Educación*, 320, p. 223-53, 1999.
- SIMÕES, H. Campos. Carta de Pêro Vaz de Caminha a El-Rei don Manuel sobre o achamento do Brasil. *Revista FESPI* (edição especial), 1996.
- SKLIAR, Carlos. *Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?* Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- TASSINARI, A. M. I. Escola indígena: novos horizontes teóricos, novas fronteiras da educação. In: LOPES da SILVA, A.; FERREIRA, M. K. L. (Orgs.). *Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola*. São Paulo: Global, 2001.
- TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- WERTSCH, James V. *Vocês de la mente*. Um enfoque sociocultural para el estudio de la acción mediana. Madrid: Visor Distribuciones, 1993.

Recebido em maio de 2011.

Aprovado para publicação em junho de 2011.

